

## TENDENCIAS DAS PROPOSTAS DE LEITURA DE IMAGENS VISUAIS COMO DOCUMENTOS HISTÓRICOS NOS LIVROS DIDÁTICOS DAS COLEÇÕES DE SERGIO BUARQUE DE HOLANDA E GILBERTO COTRIM

João Batista Gonçalves Bueno<sup>1</sup>

Neste artigo<sup>2</sup> analiso as formas de editoração dos corpos dos capítulos dos livros didáticos das coleções de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Cotrim, procurando entender como foram utilizadas as imagens visuais na relação com os textos escritos. A partir dessa análise esperamos encontrar indícios que possam nos revelar como foram sendo estruturadas as metodologias que valorizavam os usos de imagens visuais como documentos históricos.

Pesquisei os exemplares dos livros da coleção de **Sérgio Buarque de Holanda, Carla de Queiroz, Sylvia Barboza Ferraz, Virgílio Noya Pinto, Laima Mesgravis (Colaborador)** das edições dos anos de 1972, 1974, 1975, 1979. Esses livros foram encontrados no acervo do CDAPH<sup>3</sup> da Universidade São Francisco e na coleção de livros didáticos do Laboratório de História da Fesb – Bragança Paulista. Dentre os livros consultados escolhi, para analisar neste artigo, o manual que é destinado as 5<sup>as</sup> séries do ensino fundamental. Ele apresenta o seguinte título: *Coleção História do Brasil. Da independência aos nossos dias. Área de estudos sociais*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1972. No laboratório de História da Fesb encontrei também, os cadernos de exercícios e os Manuais do Professor, referentes à edição do ano 1972.<sup>4</sup> Tanto os livros didáticos, os manuais e os cadernos de exercícios foram assinados por todos os autores.

---

<sup>1</sup> Doutorando da Faculdade de Educação da Unicamp. Coordenador do curso de licenciatura de História da Fesb- Bragança Paulista.

<sup>2</sup> Este artigo faz parte da pesquisa em desenvolvimento da tese de doutorado desenvolvida na FE- Unicamp que analisa as propostas de leitura de imagens visuais em livros didáticos editados a partir da década de 1970 até os dias de hoje. Orientadora: Prof. Dra. Maria Carolina Bovério Galzerani

<sup>3</sup> Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação da Universidade São Francisco,

<sup>4</sup> Existem também, exemplares dos livros desta coleção no acervo da Biblioteca de Livros didáticos da Faculdade de Educação da Usp.

Consultei também, a coleção dos livros de **Gilberto Cotrim e Álvaro Duarte de Alencar**. Encontrei os exemplares desses livros na coleção de livros didáticos do Laboratório de História da Fesb, Bragança Paulista. O livro que analisei apresenta o seguinte título: História Geral – para uma geração Consciente – Moderna e Contemporânea – São Paulo: Saraiva, 1984. 1ª edição.

A década de 1970 e os anos iniciais da década de 1980 são conhecidos por pelo regime de exceção e pela ditadura Militar. A partir deste período, os livros didáticos de História se caracterizaram por apresentarem novas formas de composição gráfica. Desde então, cada vez mais, eles foram se diferenciando dos livros editados até a década de 1960. O padrão editorial que passou a vigorar, a partir desses anos caracterizou-se por apresentar textos escritos sintéticos com linguagem controlada para a idade dos leitores; associados a muitas imagens visuais coloridas. Os livros também assumiram formatos diferentes dos editados em décadas anteriores; passaram a ser impressos em muitas cores; e, melhoraram a qualidade dos papéis. A partir dos anos 70 as idéias que valorizavam os usos de imagens visuais e de outros meios áudio-visuais nas salas de aula ganharam cada vez mais espaço no interior das escolas.

A coleção de Sergio Buarque de Holanda foi escolhida, pois, os seus padrões de editoração se diferenciaram das formas de arranjos gráficos de edições de livros de épocas anteriores. Muitos livros que foram lançados no mercado, a partir da década de 1970, eram apresentados como novos materiais didáticos, mas as formas dos projetos gráficos na relação com as propostas pedagógicas representavam apenas uma perpetuação dos paradigmas que se estruturam nesta época. Por isso, encontramos muitos projetos gráficos de livros editados nestes anos que apresentavam semelhanças com outros livros que já tinham tido sucesso comercial. Isto é, o mercado de livros didáticos preocupa-se sempre em utilizar o conhecimento tradicional de composição de livros didáticos; e, o que foi mais aceito pela maioria dos consumidores. Os profissionais das editoras, quando estão produzindo um novo material, consultam normalmente os diferentes livros didáticos de outras editoras. Assim, repetir com pequenas alterações, os padrões de editoração em novos livros, é prática comum até os dias de hoje. Esta prática faz parte das leis de mercado e da concorrência entre as empresas editoriais. Os livros da coleção de Sergio Buarque de Holanda reproduziram

este processo. Suas reedições apresentavam poucas alterações e eles serviram com base para construção de livros didáticos de outros autores. No entanto, eles apresentam algumas das tendências de diagramação e leitura de imagens visuais que aparecem principalmente nos livros editados após o lançamentos dos PCNs de História em 1998. Trazem também, indicações de metodologias de tratamento de imagens visuais como documentos históricos que são valorizadas pelas normas que julgam os livros didáticos (PNLD) na atualidade e, que servem para selecionar os livros que serão adquiridos pelo estado.

Até o início da década de 1960, os livros didáticos, não eram acompanhados de nenhum manual de instrução, esta prática começou a ser disseminada apenas no final desta década. Desde então, todos eles traziam instruções de uso com orientações pedagógicas e metodológicas aos professores. Foi a partir daí, que alguns livros didáticos se tornaram consumíveis, apresentando espaços em branco para que os alunos respondessem aos exercícios. Por isso, eles não poderiam ser reutilizados. Nesta época, apareceram também, outros modelos de livros didáticos, que eram constituídos de um livro texto e de cadernos de exercícios independentes. Este último era consumível.

Até meados da década de 1970 todo trabalho de diagramação e composição gráfica dos livros eram feito manualmente.

MUNAKATA indica que:

“A arte” (como são chamados tanto essa área como quem nela trabalha) deve distribuir o texto composto e as ilustrações pelas páginas de acordo com tais padrões, levando também em conta que o número de páginas não pode ser muito (ou, conforme o caso, nenhum pouco) diferente do planejado. Até meados dos anos 70 aproximadamente, esse processo era feito à mão, colando-se o texto composto (em papel fotográfico) e as ilustrações em papel cartão (diagrama) (MUNAKATA, 1997. p.87)

No início da década de 1980, a diagramação dos livros começou a ser realizada por meios eletrônicos. Os anos que se seguiram, foram marcados pelo aparecimento de novos “softwares” de editoração, que abriram a possibilidade de maior controle do processo de composição gráfica. Foi a partir do final dos anos 80, que profissionais encarregados de design gráfico também passaram a compor as equipes de produção de livros didáticos.

No desenrolar da pesquisa com a coleção Sergio Buarque de Holanda constatei como esses livros didáticos seguiram os padrões que foram estabelecidos pelo seu projeto gráfico. Esses projetos estabeleceram as normas pelas quais se deram a organização dos capítulos, a escolha dos estilos de diagramação das páginas e as seqüências de apresentação das imagens visuais e dos textos escritos.

Nestes livros didáticos a estrutura dos capítulos se repetem, variando seus conteúdos. Por isso, as formas de composição das imagens na relação com os textos escritos também são semelhantes. Isso geralmente ocorre, em todos os livros didáticos que compõe a coleção desses autores. São permanências estruturais que são justificadas por questões comerciais e pedagógicas. Pois, para as editoras, realizar alterações nos padrões de diagramação dos diferentes capítulos demandaria muito mais trabalho; e maior custo para a publicação dos livros. Em relação às práticas pedagógicas, as teorias de aprendizagens estruturalistas e comportamentalistas preconizam que é aconselhável repetir as formas de diagramação, o formato de apresentação dos conteúdos e a forma de elaboração dos exercícios. Pois, a repetição do desempenho de uma tarefa possibilita que alunos e professores compreendam os padrões de decodificação que reforçam os conceitos que devem ser aprendidos. Isto se aplica também, às informações trazidas pelos textos escritos e iconográficos.

Neste artigo, selecionamos as páginas consultadas, que apresentavam alguma mudança significativa no projeto de diagramação das imagens visuais em relação aos textos escritos. Além disso, consideramos que elas teriam que trazer alguma novidade em relação às propostas de leitura de imagem.

#### Segundo BOCCHINI,

Nos livros didáticos para o ensino fundamental, o texto é sempre apresentado numa dada disposição visual (diagramação) ladeado, complementado ou interrompido por imagens (fotos, ilustrações), gráficos e tabelas, elementos que serão tomados em conta, ao lado da leitura do texto, para a recepção mais geral das mensagens. Além disso, essa programação visual estará disposta sobre páginas de um determinado formato, que vai interferir nas possibilidades de disposição de textos e imagens. As folhas dos livros são mantidas juntas (encadernadas) por diferentes processos, que podem favorecer ou dificultar a abertura das páginas. Assim, não só a composição do

texto e a diagramação, mas também o formato do livro e a forma de encadernação, podem facilitar ou dificultar a leitura.(BOCCHINI, 2007,p.4)

As formas de diagramação das páginas dos corpos dos capítulos, que apresentaremos a seguir, foram sendo construídas, pouco a pouco, pelo acúmulo de conhecimentos, tanto do corpo de profissionais das editoras, como dos autores, professores e intelectuais que participaram da produção dos livros dessa coleção. Elas variaram de acordo com as questões historiográficas e didáticas- pedagógicas na relação com as políticas públicas que foram implementadas durante os anos que compreendem a produção desse material didático. A partir destas constatações, é importante ressaltar que as formas de apresentação gráfica entre imagens visuais e textos escritos apresentadas nesta pesquisa, podem aparecer em outros livros que não foram selecionados para construir esse texto.

Em relação aos livros da coleção de Holanda, MÁSCULO indica que:

Os livros da Coleção Sérgio Buarque de Holanda, se comparados com os publicados até aquele período, representaram uma reformulação estética e conteúdoística, envolvendo mudanças em suas dimensões e na utilização das imagens (p19). [...] Um das características que chamou a atenção na coleção Sérgio Buarque de Holanda [...] foi o formato inovador, posto que as dimensões superavam as da maioria dos livros de História da época (19cmX26cm)” (MÁSCULO, 2008, p. 56)

Segundo esse autor o formato do livro de Holanda se assemelhava aos dos livros didáticos franceses e foi adotado por possibilitar a impressão de um grande número de imagens visuais. Além disso, ele identifica que nos livros de Holanda existia a preocupação de apresentar a imagem como documento.

(...) Podemos constatar outro detalhe que denota o cuidado por parte dos autores com o uso de imagens nos livros da coleção. Além da legenda explicativa era fornecida a localização do original da obra de arte reproduzida no livro (no caso de Pedro Américo, Museu Nacional de Belas Artes).

A preocupação dos autores com a idéia de imagem-documento foi tamanha que, ao tratar dos primeiros anos da colonização, período do qual praticamente não se localizam pinturas, as ilustrações concentram-se em mapas de época e reprodução de documentos. A única pintura de um fato histórico do início da colonização reproduzida naquelas páginas da coleção trata-se de um desenho de Thevet, artista francês que “assistiu” à “derrubada de pau-brasil” (MÁSCULO,2008,p. 139)

Ao realizar análise da composição gráfica de algumas das páginas do livro da coleção de Sergio Buarque de Holanda percebi como foi planejado o seu projeto gráfico. Assim, procurei compreender quais foram às intenções dos autores e editores na forma de apresentação das imagens visuais em relação aos textos escritos.

Os textos escritos foram impressos com letras na cor preta sobre fundo branco, o que possibilitou uma fácil leitura dos signos alfabéticos. Estavam diagramados em colunas que ocupavam pouco menos da metade da página. Os textos eram reduzidos e utilizaram uma linguagem adaptada a idade dos alunos-leitores. Essa forma de diagramação criou uma imagem visual compacta (mancha gráfica), que deixava a composição das páginas do livro mais leve e agradável aos olhos.

Os subtítulos foram impressos com letras em caixa alta, em cores diferentes do texto explicativo. O espaço entre as linhas dos textos escritos é simplificado, mas suficiente para a leitura. As colunas dos textos escritos variavam nas localizações das páginas, às vezes aparecendo na coluna à direita ou na da esquerda, dependendo da localização da página, de forma a estabelecer uma relação de proximidade com o texto da página anterior. Na coluna que se contrapunha aos textos escritos apareciam normalmente às imagens, mapas ou infográficos, impressos sempre com cores variadas. Os espaços em branco faziam parte da composição e serviram para dar destaque às imagens visuais ou aos textos escritos.

Muitas páginas continham boxes que eram destacados com cores amarelas e serviam para apresentar os textos resumidos que aprofundavam alguns conceitos trabalhados no texto explicativo principal. Os boxes tinham como objetivo valorizar algum tipo de informação que deveria ser assimilada pelo aluno.

Ao ler os textos escritos dos capítulos notei que a divisão dos conteúdos dialogava com pressupostos estruturalistas. Os capítulos apresentaram uma estrutura que dividia os conceitos em grandes temas como: Política, Economia e Cultura. Todos os capítulos começam com uma página de abertura, que mostra um fragmento de uma iconografia que reproduz um detalhe de uma pintura histórica brasileira. Os capítulos terminam com uma tabela cronológica e uma lista de questões referentes aos conceitos apresentados no seu interior.

Em relação à diagramação das imagens visuais, no corpo dos capítulos, é possível perceber que as iconografias são valorizadas em relação aos textos escritos. As páginas foram compostas normalmente por uma, duas ou três iconografias coloridas, baseadas em reproduções de pinturas históricas, fotos de lugares públicos ou de edifícios de arquitetura, mapas e infográficos.

Nesta coleção, encontra-se uma forma de composição gráfica que apresenta uma concepção de leitura de imagens inovadora. Essa proposta de leitura foi identificada por Másculo quando analisou a reprodução de imagens derivadas de obras de arte. Neste caso, as propostas de leitura de imagens visuais aparecem normalmente nas páginas que apresentam o sub-tema, **Cultura** e que se repetem no final de cada capítulo.

Nas páginas destinadas a esse sub-tema, predominam reproduções de pinturas, de outros tipos de obras de arte e de fotografias de arquiteturas, por vezes as figuras são recortadas de seu fundo, para criar maior destaque (Másculo, 2008). Como o número de imagens é elevado o espaço destinado às elas é superior ao destinado aos textos escritos.

Nas páginas 20 e 21 (Figura 1), os autores apresentam o Panorama Cultural do início do século XIX. Nelas são impressas uma média de quatro a seis imagens visuais por página. Na página 20 é impressa uma reprodução de um daguerreótipo e três imagens de prédios arquitetônicos. Na página 21 são impressas quatro reproduções de pinturas de artistas românticos.

A figura de número um, que se encontra acima da página 20, traz como legenda as seguintes informações: “1. As primeiras fotografias foram chamadas daguerreótipos, em honra de seu inventor, o francês Daguerre.”

A ligação com o texto escrito principal se dá pela frase:

“Os progressos alcançados pela física e pela química permitiram que se multiplicasse toda sorte de descobertas e inventos de grande alcance prático: o adubo químico para a agricultura, a técnica da vulcanização da borracha e a fotografia. [1 ]”( p.20)

Neste caso, os autores a proposta de leitura se dá por associação do conteúdo escrito da legenda com o conteúdo do texto explicativo. A partir de então o leitor faz o reconhecimento das informações apresentadas na imagem. Dirige-se a interpretação para que o leitor faça o reconhecimento de que se trata de um retrato antigo.



(Figura 1)- Páginas 20 e 21 do livro Sergio Buarque de Holanda. História do Brasil -2- Estudos Sociais-Curso Moderno –Da independência aos nossos dias –São Paulo: Companhia Editora Nacional- 1972. (imagem reduzida)

Já no caso das imagens dois e três, nota-se que ocorre uma pequena mudança em relação metodologia que propõe a leitura de imagens. Ela é muito significativa e representa uma forma de tratamento das imagens que caracteriza um tipo de proposta de trabalho com documentos iconográficos que é inovador para o período; e que vai se tornar referência para o trabalho com iconografias no ensino de história a partir dos anos finais da década de 1990.

Neste caso, são apresentadas três reproduções de fotografias de prédios arquitetônicos diferentes. A imagem 2 é a reprodução de uma fotografia que representa o Prédio do Parlamento inglês ao fundo e o rio Tamisa em primeiro plano. No rio é possível visualizarmos alguns barcos. Esta imagem traz a seguinte legenda: “[2] Casa do Parlamento, Londres, Inglaterra. – Vocês ainda estão lembrados do estilo de arquitetura que caracteriza o mosteiro da Batalha em Portugal? Notam alguma semelhança entre as duas construções?”

As outras duas imagens apresentam a numeração três, e também são reproduções de fotografias. Elas representam as ruínas do Partenon em Atenas, e a outra



a imagem do prédio do Museu Britânico. Suas legendas informam quais são os prédios que elas representam e propõe que o leitor faça uma comparação entre os dois edifícios: “3 . Museu Britânico, Londres, Inglaterra. A série de imponentes colunas lembram o estilo dos antigos gregos. Vejam ao lado um dos mais notáveis monumentos da antiguidade clássica, O Partenon em Atenas.”

A ligação realizada pelo texto escrito se encontra na página 21:

A arquitetura não apresenta um estilo próprio do período. Renovou-se o interesse pelas construções em estilo gótico característico da Idade Média [2], continuando o gosto pelas construções neoclássicas, mais simplificadas [3] (p. 21)

É possível notar nestes dois últimos casos, que são inseridas questões e sugestões para que o leitor faça comparações entre dois documentos iconográficos. Dessa forma, Holanda dá oportunidade do leitor entender que as imagens trazem informações referentes às mudanças e as permanências dos estilos arquitetônicos. Ou então, alunos e professores podem perceber que a partir das formas estéticas, identificam-se os tempos de produção dos objetos representados. Os autores permitem assim, que os leitores possam trazer a tona outras experiências visuais, que não foram dadas ou referendadas pelo texto escrito.

Na década de 1970, não existia a preocupação dos autores e editores dos livros didáticos em apresentar as imagens visuais como documentos históricos. Holanda, portanto, dá um passo a frente de seu tempo ao propor formas de leitura que se assemelham ao trabalho com imagens da forma como era desenvolvido pelos historiadores. No entanto, essa forma de leitura de imagens visuais deve ser analisada de acordo com o tempo da produção deste livro didático. Segundo orientação do manual do professor<sup>5</sup> desta coleção, os autores afirmavam que:

[...]o professor deve motivar os alunos valorizando técnicas de estudo: o estudo deve ser dirigido.[...]O estudo dirigido leva o educando a desenvolver sua capacidade de identificação e escolha dos elementos mais significativos de um contexto, precisão de

---

<sup>5</sup> Másculo (2008) fez a constatação que o manual desse livro não foi escrito por Sérgio Buarque de Holanda, e sim por uma das professoras que fizeram parte de sua equipe. No entanto, também, esclarece que Holanda acompanhou muito de perto toda a produção do conjunto de materiais que compunham sua coleção; e por isso, deve ter concordado com o texto final apresentado no manual destinado aos professores.

linguagem e objetividade no raciocínio com a assimilação de técnicas de associação, comparação, oposição e julgamento, etc. (Manual do Professor, p.9)

Ao colocarem questões que possibilitam a comparação entre as imagens (no caso da imagem dois e das imagens três) os autores procuraram fazer com que o leitor identificasse e comparasse visualmente dois documentos iconográficos. Desta forma, realizar a comparação entre imagens visuais, em sala de aula, não significaria, necessariamente, propor que o aluno tivesse uma ação criativa através dessa associação. Além disso, o leitor teria dificuldade de construir relações temporais, pois, estão ausentes os dados que revelam quando e como foram produzidos os prédios arquitetônicos representados. Também não foi explicitado o momento histórico que originou as fotografias e nem sua autoria. O leitor ainda teria outra dificuldade, pois, a imagem do Mosteiro da Batalha, em Portugal, não é encontrada no mesmo livro. Por isso, o aluno teria de lembrar as características desse prédio. Concluímos, portanto, que a intenção dos autores era a de que o aluno deveria identificar as características formais de cada um dos edifícios representados; e, portanto, essa atividade serviria para estimular e motivar os princípios de suas percepções visuais.

Ao ler o texto do manual do professor desta coleção, encontrei mais indícios que poderiam servir para comprovar esta conclusão. No texto do manual aparecem os argumentos que explicam os objetivos que levaram os autores a utilizar muitas imagens visuais nesta coleção. A frase abaixo é reveladora:

“Suas ilustrações não enfeitam apenas o conteúdo, foram selecionadas e incluídas para ilustrar efetivamente o texto, dando – lhe vida e significado visual” (p.9).

Os autores encaram que o uso de imagens visuais, no corpo do capítulo do livro didático, não deve ter a função somente de enfeitar o texto escrito. A idéia deles, é que a imagem visual tenha a função de proporcionar ao aluno a visualização e a complementação de informações que são trazidas pelo texto explicativo.

No caso da página 21 (figura 2), são apresentadas quatro reproduções de pinturas de artistas românticos europeus. A imagem quatro traz o quadro do pintor Turner, com a seguinte legenda “4. Turner, Dido construindo Cartago. Galeria Nacional,

Londres; Inglaterra. Não só na arquitetura, mas também na pintura, temas da antiguidade clássica inspiraram os artistas”

A imagem cinco mostra a reprodução de uma pintura de Caspar David Friedrich com a seguinte legenda: “5. Caspar David Friedrich, Homem e mulher contemplando a lua. Galeria Nacional de Berlin, Alemanha. Tema bem romântico explorado por inúmeros pintores, poetas e romancistas.”

A imagem seis traz um a reprodução de uma pintura de Delacroix. Na legenda encontramos os seguintes dizeres: “6. Delacroix. Primavera. Museu de Arte S. Paulo”

A imagem sete mostra a reprodução da pintura de Corot. A legenda que o acompanha traz os seguintes dizeres: “7. Corot, Dardagny: estrada de campo pela manhã. Galeria Nacional, Londres, Inglaterra. A natureza em todos os seus aspectos foi tema constante dos artistas românticos”.

O texto principal que faz referência a estas imagens se encontra na página 20. Ele procura explicar que se trata de pinturas de grandes artistas: “Na pintura destacaram-se grandes artistas como o inglês Turner[4], o alemão Caspar David Friedrich[5] e os franceses Delacroix [6] e Corot [7].

Para entender quais foram as idéias didático-pedagógicas, empregadas pelos autores, ao apresentar as reproduções de obras de arte, é necessário lançar mão das informações que se encontram no texto do manual do professor. Neste texto, os autores defendem o uso de slides, filmes, estampas, mapas e discos sonoros em sala de aula. Fazem também, referência a idéia que eles têm sobre o uso de imagens provenientes de obras de arte:

Estes recursos são extremamente importantes no ensino moderno, uma vez que dão o elemento visual de comprovada eficiência para a compreensão de fatos que não podem ser completamente descritos com palavras como: arte, costumes, objetos ou instrumentos de uma certa época, moda , etc.” (Manual do professor, p.11)

Os autores da coleção Sérgio Buarque de Holanda, trataram de maneira diferente os objetos de arte, porque para eles, as imagens deste tipo trazem informações que não são possíveis de ser descritas com palavras. Por isso, as legendas apresentam dados

sobre as autorias e os locais onde os documentos originais se encontravam<sup>6</sup>. São impressas também, algumas informações de ordem geral relativas ao movimento artístico ao qual se filiaram os artistas. Ao fazerem isso, os autores reafirmaram os dizeres acima, demonstrando a dificuldade de transformar em palavras as imagens artísticas.

Em relação ao tipo de documento originado de obras de arte, acredito finalmente, que os autores deixam em aberto qual a prática que poderia ser realizada em relação a interpretação de tais imagens. Acreditando que apesar das poucas informações trazidas pelas legendas os leitores poderiam identificar quase livremente uma ou outra característica do movimento artístico que se filiaram os artistas.

A coleção de livros didáticos de Gilberto Cotrim é lançada nos anos iniciais da década de 1980. Neste período ocorreram mudanças nos padrões editoriais, que se relacionavam as formas de diagramação das imagens visuais e dos textos escritos. O livro de Cotrim insere-se dentro desse processo de mudanças, no entanto, ainda apresenta poucas alterações se comparado com os livros editados ao longo da década de 1970. Gilberto Cotrim foi professor de história do ensino fundamental e continua a fazer parte do corpo de autores da editora Saraiva até os dias de hoje. Seus livros foram e são atualmente muitos adotados nas escolas.

O livro consultado pertence a primeira edição desta coleção. Ela é formada por quatro livros textos não consumíveis e um caderno de exercícios.

Encontrei algumas semelhanças e mudanças no projeto-gráfico destes livros em relação aos livros de Sergio Buarque de Holanda.

Os capítulos são estruturados da maneira tradicional, compostos por um texto explicativo que é permeado de imagens visuais. Eles são divididos em sub-itens que valorizam temas da história política de cada um dos períodos estudados. Em seguida é apresentada uma página com resumo histórico e duas páginas que apresentam obras de arte da época trabalhada. O capítulo termina com uma linha do tempo ilustrada.

---

<sup>6</sup> Másculo(2008) afirma que quando os autores apresentam a autoria e local onde as obras originais se encontram, isso caracteriza o uso das imagens como documentos históricos.

A maioria das páginas do livro apresenta imagens visuais, no entanto, ocupam espaços menores das páginas se comparados com os livros de Holanda. Isso representa uma nova tendência que foi se firmando nas formas de composição visual dos livros no final da década de 1970 e início da década de 1980. Nestes livros a quantidade de imagens visuais impressas é ainda muito elevada, mas as dimensões de impressão das imagens diminuem em relação aos espaços reservados para os textos escritos. Percebi durante minha pesquisa, que essa tendência vai permanecer na forma de editoração de muitos livros das décadas de 1990 e 2000. Na década de 1980 os livros didáticos começaram a apresentar, novamente, textos escritos mais longos em relação aos produzidos na década de 1970. A divisão dos textos permaneceu em colunas com linhas curtas e espaçamento adequado à leitura. São impressas uma, duas ou três iconografias por página. As imagens visuais são reproduções de: pinturas, esculturas, fotografias de prédios arquitetônicos ou então fotografias jornalísticas que registram o instante de um determinado evento. A presença de desenhos de ilustração diminuiu drasticamente.

Os livros apresentam muitas reproduções de pintura quando trabalham temas relativos a fatos históricos que ocorreram no período anterior ao século XIX. Diferente do caso das imagens que aparecem no livro de Sergio Buarque de Holanda, que utiliza muitas imagens originadas de fotografias para registrar patrimônios arquitetônicos produzidos nos séculos anteriores. Quando o livro passa a abordar temas relativos a acontecimento históricos posteriores ao século XIX, as reproduções fotográficas tomam conta do cenário das páginas.

Nas páginas 86 e 87 (figura 2) identifiquei uma pequena mudança na forma de apresentação das imagens visuais quando elas se relacionam ao conteúdo dos textos explicativos. Nestas páginas são impressas reproduções de obras de arte do século XIX. Elas apresentam como sub-título, “O realismo”.



(Figura 2) Imagem das páginas 86 e 87 do livros de Gilberto Cotrim , Álvaro Duarte de Alencar . História Geral – para uma Geração Consciente . Moderna e Contemporânea . 8ª série. 1º Grau . São Paulo : Saraiva , 1984. ( Imagem reduzida)

As páginas são divididas em duas partes por uma linha horizontal. Na primeira coluna acima e à esquerda da página 86 foram impressos apenas textos escritos. No espaço restante destinado a segunda e terceira colunas foi realizada uma composição com um pequeno trecho de texto escrito e duas imagens visuais em tamanhos diferentes. O texto escrito inicial descreve algumas transformações que ocorreram na sociedade e nas artes:

A partir da segunda metade do século XIX, a sociedade europeia sofreu o impacto de grandes transformações nos campos da ciência, da tecnologia e da filosofia. Inúmeras descobertas e invenções impulsionaram o desenvolvimento das ciências. Difundiu-se um clima de euforia em face dos benefícios da industrialização e das possibilidades do progresso científico. É dentro desse contexto histórico que surge, nas artes, o **Realismo**.

Entre as principais características do Realismo, podemos destacar a procura da objetividade, da observação fria e imparcial e do senso crítico. Em oposição ao artista romântico, que considerava o Eu do indivíduo mais importante que o mundo do exterior, o Realismo considera a realidade do mundo mais importante que as paixões do Eu. (p. 86)

No espaço da segunda coluna aparece uma reprodução da pintura do retrato de uma figura masculina. A legenda indica que se trata do retrato de Honoré de Balzac. Na terceira coluna, localizada à direita desse retrato encontra-se o seguinte texto:

Gustave Courbet( 1819- 1977), que se empenhava em representar o mundo exterior tal como via, sem artificialismos, intitulou sua exposição de pintura em 1855, de “ O realismo, G. Courbet”. A partir dessa exposição, o nome Realismo difundiu-se, servindo para designar todo um movimento artístico. (p.86)

Logo abaixo, é reproduzida em preto e branco a imagem de uma pintura de Coubert, que traz a seguinte legenda:

No quadro **Bonjour Monsier Coubert**, o pintor se auto-retrata caminhando pelo campo, com mochila às costas, quando é cumprimentado por um amigo e cliente. A cena é simples e sincera, despojada de cores ou linhas espetaculares, que marcam a dramaticidade romântica.”( p. 86)

Os textos das legendas e os textos explicativos procuram caracterizar o movimento que a pintura se insere ou descrever alguma característica da composição figurativa da imagem.

Num olhar rápido sobre a posição das imagens na composição visual das páginas, parece existir uma semelhança à forma de diagramação utilizada no livro de Sergio Buarque de Holanda (ver figura 1). Mas as semelhanças se dão apenas pela diferenciação da temática relativa à cultura erudita da época estudada, pela quantidade de imagens impressas por página e pela sua distribuição visual.

A página, neste caso, é diagramada em três colunas. A divisão das manchas gráficas procura alternar os tamanhos e as cores de impressão das imagens visuais com os textos escritos. Além disso, os autores utilizam o recurso de dividir a página com uma linha horizontal. Na parte de cima da página são impressos os exemplares de quadros de artistas realistas e impressionistas. Na segunda parte, abaixo, expõem-se as imagens dos pós- impressionistas. Esses recursos de composição visual têm o objetivo propiciar uma leitura em etapas, fazendo com que o leitor movimente os olhos em direções diferentes, procurando fazer algumas ligações entre os textos escritos e as imagens visuais.

É importante destacar que os textos escritos trazerem mais informações referentes aos pintores, as datas de seus nascimentos e morte, e aos movimentos que eles que eles pertenceram. Isso é uma diferença em relação à forma de composição dos livros de Sergio Buarque de Holanda e será uma tendência importante que iremos encontrar nos livros pós- PCNs e o Pnld de1998. Foi somente nos últimos anos do século XX que os livros didáticos passaram a ter necessidade de apresentar as imagens visuais como documentos históricos. Ficou instituído como forma de julgamento pelo

PNLD que toda imagem deveria vir acompanhada dos dados do autor e de sua produção.

### **Referências Bibliográficas**

**BOCCHINI, Maria O. Legibilidade visual e projeto gráfico na avaliação de livros didáticos pelo PNLD. Anais do Simpósio Internacional do Livro Didático, PUCSP.2007.**

<http://www.abrale.com.br/biblioteca/Legibilidade%20visual%20e%20projeto%20grafico%20na%20avaliacao%20de%20livros%20didaticos%20pelo%20PNLD.pdf> (consulta em 12/01/2011)

**DUBOIS, P. – O ato fotográfico e outros ensaios.** Campinas: Papyrus, 1998.

**MÁSCULO, José Cássio. A Coleção de Sergio Buarque de Holanda: Livros didáticos e ensino de História.** Tese de doutorado . PUC- SP . São Paulo: 2008.

**MUNAKATA, Kazumi. Produzindo Livros didáticos e para didáticos.** Tese do Doutorado. PUC- SP. São Paulo: 1997